

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinema Experimental Português: O Cinema dos Artistas, anos 60 e 70

26 de novembro de 2025

DESTRUIÇÃO / 1975

Realização e Produção: Fernando Calhau / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, originalmente filmado em Super 8 mm, cor, mudo / **Duração:** 3 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

ESPAÇO - TEMPO / 1975

Realização e Produção: Fernando Calhau / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, originalmente filmado em Super 8 mm, cor, mudo / **Duração:** 4 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

TEMPO / 1975

Realização e Produção: Fernando Calhau / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, originalmente filmado em Super 8 mm, cor, mudo / **Duração:** 3 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

WALK THROUGH / 1976

Realização e Produção: Fernando Calhau / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, originalmente filmado em Super 8 mm, cor, mudo / **Duração:** 3 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

MAR I / 1976

Realização e Produção: Fernando Calhau / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, originalmente filmado em Super 8 mm, cor, mudo / **Duração:** 3 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

MAR II / 1976

Realização e Produção: Fernando Calhau / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, originalmente filmado em Super 8 mm, cor, mudo / **Duração:** 3 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

MAR III (REMAKE) / 1976/2001

Realização e Produção: Fernando Calhau / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, cor, mudo / **Duração:** 3 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

Filmes de **Fernando Calhau**

Duração total da projeção: 25 minutos

trabalhos de digitalização da Cinemateca em 2023 (financiamento do PRR)

De forma inevitável – pelo menos do ponto de vista conceptual – esta sessão abre com um ato inaugural no trabalho de Fernando Calhau onde o monocromo negro se revela, no seu trabalho, pela primeira vez. Falamos de **Destruição**, um filme em que o artista desenha um X, renega a paisagem e o seu próprio corpo, e preenche tudo de negro através de um gesto - que não se apaga, mas se cobre, a ele e a tudo o resto – ao qual Tomás Maia chama de originário da arte ou experiência de tempo equivalente à transposição da noite. Transforma a película super 8 em superfície pictórica e torna aqui assente, desde muito cedo na sua carreira, quais são as suas preocupações – o discurso sobre o tempo e o espaço – ou não fosse o trabalho do artista marcado por uma indissociável persistência temática.

É o que acontece a um pintor – ou pelo menos a alguém que tem o profundo desejo de o ser - numa época de crise de fé sobre o médium que lhe define o labor (e que chega a apelidar os pinceis de repugnantes): está desarmado, mas defende-se através das mesmas lógicas com uma espécie de memória muscular. Usa o gesto para apagar o gesto, disfarça a manualidade com a manufatura – algo que haveria de com ele ficar. Tal distingue-o dos seus contemporâneos anglo-saxónicos, (que tanto o influenciaram) nomeadamente no que liga a Pop às primeiras manifestações de arte minimal. Calhau não evita a mão, e a mão neste contexto pode referir-se à realidade com todos os seus defeitos – qual obsessão de chegar a uma pureza tão típica da época. A fotografia e os filmes não partem certamente de um deslumbramento com o que o rodeia, e nem sequer com os “novos media” – com os quais este trabalhou sempre com uma enorme falta de intimidade -, mas de uma metodologia de apropriação das características do real para demonstrar conceitos – a problematização do espaço em relação ao tempo, o papel do observador, a utilização do essencial – sem intenções de esgotamento. Tudo o que vemos aqui – em todos os filmes, mesmo que de forma ainda inconsciente - é a ambição de chegar ao monocromo sem perder o referente.

Esta operação exige o achatamento do espaço, uma espécie de “planitude” ao estilo Clement Greenberg, para quem o potencial máximo do médium pictórico residia no ênfase na bidimensionalidade da tela. Calhau transpõe este princípio para o filme, retira a hierarquia da paisagem, eliminando a linha do horizonte, e filma, no fundo, superfícies. Mas como em Fernando Calhau tudo está em tensão– e nunca nada é final - reconhecemos, em **Tempo**, a perspetiva sem que isso constitua uma traição ao princípio. Continuamos a ter um plano maioritariamente verde que nos apresenta marcações mínimas como pontos de orientação, algo que viria a ditar futuramente a sua forma de trabalhar com o negro, mas aqui parece influenciada pelas pinturas verdes de que vinha nos anos anteriores antes do abandono dos pinceis. O artista diz-nos: “não podes aperceber o vazio sem alguma forma de delimitação. É um pouco como o *Air de Paris*, de Duchamp: ele precisou também de um espaço contentor.”. Aqui é o mundo contém o vazio antes do cair da noite.

Temos de pensar nestes filmes como verdadeiras fotografias em movimento. Quase sempre de câmara parada. Filma-se a bobine super 8 de uma ponta à outra, até ao seu limite de 3 minutos e poucos segundos. O suporte dita a duração do filme, e neste sentido a influencia de Warhol é evidente. Existe uma única excepção à camara fixa neste conjunto de filmes, que é **Walk Through**, no qual o artista faz um *travelling* rumo ao mar passando da superfície da areia para a da água.

Talvez esta chegada ao mar – no alinhamento da sessão – seja a mais matura parcela desta componente de *film works* do artista, que se encerra com um *remake*. Fica aqui evidente o carácter serial do trabalho, uma metodologia que transcende a mera repetição. A série **Mar I, II e III** não é uma sequência de variações sobre um tema, mas uma investigação obsessiva e incremental que procura extrair uma representação formal (execução) de uma infinita potência conceptual. É o gesto inaugural de **Destruição** elevado a uma leveza romântica: se ali o negro cobria o mundo num ato único, aqui a imagem do mar, uma parcela da sua imensa superfície, é prolongada no tempo limite da bobine, até se revelar como o próprio *medium* da sua contínua transformação. O tempo dissolve-se num só elemento, o do monocromo vivo.